

DOCUMENTAÇÃO
 Acadêmica
 27/10/96 C5
 Lovon e/gerol
 211

GERAL

Manaus, domingo, 27 de outubro de 1996

Xavantes conhecem os males do branco

Índios do Mato Grosso querem ver travestis e meninos de rua na "boca-do-lixo" de São Paulo, onde participam de evento sobre ritos

Juliana Resende
 Agência BR Press

SÃO PAULO (BR-PRESS) — A máxima "todo dia era dia de índio" encontrou, finalmente, sua equivalência no presente. Na semana passada, 500 representantes de 34 tribos de todo o Brasil viraram notícia jogando futebol descalços, fazendo lutas ritualísticas e competindo em provas típicas, como arco e flecha e a "corrida da tora", durante os Jogos dos Povos Indígenas, em Goiânia. Esta semana, 13 índios xavantes armaram a barraca, ou melhor, a oca em plena metrópole paulistana. Eles participam do evento "Os ritos são para todos", que acontece até hoje, na Estação Ciência.

Os xavantes viajaram 28 horas de ônibus, da aldeia Idzô'uhu, na reserva de Sangradouro (Mato Grosso) até Sampa, num clima de valedão para divulgar sua cultura e conhecer a "selva de concreto".

Construíram uma oca dentro da Estação Ciência e é lá que estão acampados. Nas horas vagas da intensa programação do evento (ver matéria), a trupe vai fazer um atípico "programa de índio": ver travestis, meninos de rua e tudo de mais marginal que ouvem falar da maior cidade da América Latina.

O guia da excursão é Hipãridi, Dzutsi'wa Top'Tiro, ou simplesmente Hipã, de 23 anos. Ele organizou o evento

xavante, em nome da Associação Arte e Cultura, recém-criada na aldeia, e se propôs a fazer o city-tour com os índios pela boca-do-lixo de São Paulo. "É bom que eles vejam o nível de degradação que o capitalismo selvagem produz", diz Hipã, com a maior naturalidade. "Essa curiosidade vem das informações que chegam na aldeia. Impressiona e assusta muito".

Hipã prefere ser reconhecido como um "xavante da nova geração", do que pelo fato de cursar Antropologia na USP, ser bem informado e culto. "Sou meio bicho-domato, apesar de ter aprendido a viver na cidade", define, arrumando o cabelo atrás dos brincos (dois pedaços de madeira). Seu mérito é o trabalho pelo resgate cultural de seu povo. Nesta entrevista, ele fala de globalização, aculturação, do intercâmbio branco-índio e vice-versa. Como é ser índio no mundo dos brancos?

Hipãridi: É curioso. Moro em São

Paulo, na Vila Madalena, há cinco anos, mas sempre vou para a aldeia. Quando ficar mais velho, quero morar em Idzô'uhu. Aqui sinto medo de sair à noite e, como não bebo, fica mais difícil de me relacionar. Nunca saio com os amigos para beber, como a maioria dos jovens faz. Mas tenho orgulho de ser um índio de verdade e não me oportunar disso para aparecer entre os brancos. Na cidade, sinto que o índio ainda é discriminado, tratado como uma avis-rara.

Que tipo de discriminação é mais comum?

Hipãridi: De todo o tipo. Desde gozações bobas até o maior desrespeito. Trabalho com essa questão no projeto-pesquisa Discriminação, Preconceito e Estigma, do Departamento de Educação da USP. Aqui mesmo, na Estação Ciência, um funcionário do departamento financeiro disse a mim que não tratava de dinheiro com índios. Eu disse que podia processá-lo por isso. Ele ficou calado. O branco ainda é muito ignorante em relação ao índio.

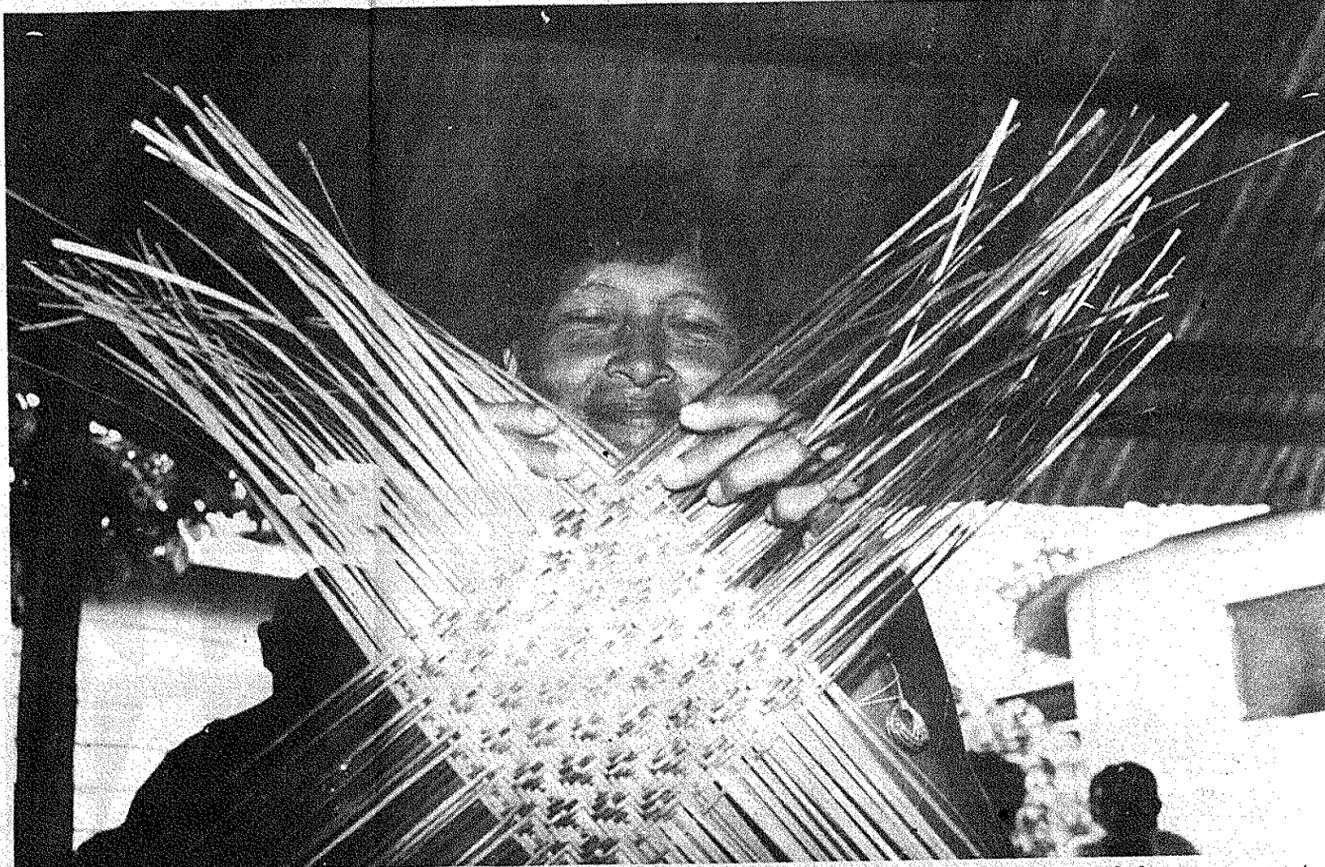
Os ritos são para todos que querem provocar uma reflexão sobre essa relação?

Hipãridi: Não só uma reflexão, mas uma revisão. Somos 10 mil xavantes, espalhados em oito reservas no Mato Grosso. Nossa aldeia é a menor delas, com 88 habitantes. Estamos pondo em prática um projeto de desenvolvimento auto-sustentável, com o qual pretendemos

eliminar qualquer vínculo paternalista com a Funai, políticos ou quem quer que seja. Temos consciência de nosso papel na sociedade e, com este evento, trazemos ao branco as coisas boas que fazem parte da nossa cultura. E esperamos aprender coisas boas com os brancos.

Mas você disse que os índios estão chocados com a violência da cidade...

Hipãridi: Isso faz parte do aprendizado. A civilização é um mito para os índios, como as tribos são um mito para os brancos. Na TV comunitária da reserva, meu povo vê imagens que os iludem. Quando chegamos em São Paulo, pela Marginal, o cacique me perguntou onde estava o "fura-fila" do candidato Celso Pitta. Quando falei que não existia, ele ficou perturbado. Quando os índios se deparam com a realidade, vem o choque. O branco também se choca com o modo de vida do índio.



Os índios querem mostrar a cultura de suas tribos e conhecer como o branco vive nas grandes cidades, que os assustam

“A civilização é um mito para os índios, como as tribos são para os brancos”

Hipã

Choque cultural na visão indígena

E o que choca mais o branco, na sua opinião?

Hipãridi: Acho que é o sexo. Os xavantes transam muito entre si. Os pais escolhem o marido da filha. E ele pode ser escolhido várias vezes. E quando há casamento entre um clã e outro, o marido e a mulher podem transar com irmãos ou primos do clã do cônjuge. Para o branco isso é inconcebível, apesar de todo o falso moralismo. Por outro lado, se levo uma namorada branca para a aldeia, todo mundo acha esquisito. Como se comporta a juventude xavante? Há muita aceitação da cultura pop branca?

Hipãridi: É bem complicado. O consumo da sociedade branca é o que mais afeta a juventude. Roupas, objetos, cigarros, bebidas, drogas, moda... Isso deixa o jovem índio muito confuso. O acesso ao dinheiro é também um problema na aldeia. Tentamos evitar o comércio, mas é impossível. Os índios sempre

foi acostumado a ser "comprado", desde a colonização.

E como você se relaciona com a indústria cultural do branco? Você gosta de rock, como a banda Sepultura, gravou com os xavantes?

Hipãridi: Não entendo nada de rock. O Sepultura fez um trabalho legal, mas eles são muito barulhentos. Gosto dos Titãs, por que eles cantam coisas que sinto (Hipã cantarola o verso "Eu me perdi na selva de pedra", na música "Concrete Jungle") do Cidade Negra, e do Caetano Veloso. Mas o que gosto mesmo é de cinema, de filmes de arte; e do futebol do branco, que para mim também é arte. Acho que os índios têm de saber vender melhor seus produtos culturais.

Quais são os projetos da Associação Arte e Cultura Idzô'uhu?

Hipãridi: Criar uma escola de índio na aldeia, diferente daquelas escolas de branco que já não fazem a ca-

beça do nosso povo. Por isso é que o índio não quer estudar. E, para não desgastar mais a terra com o roçado, estamos criando abelhas e comercializando o mel. É uma maneira alternativa de investir e gerar verba para a aldeia.

Os xavantes de sua aldeia são contra ou a favor da cogitada extinção da Funai? O que você acha de os xavantes terem invadido a Funai, na terça-feira, exigindo uma posição do órgão?

Hipãridi: Somos a favor da extinção da Funai e da autogestão de cada aldeia. É um órgão falido, que em vez de ajudar a resolver os problemas do índio, traz mais problemas ainda. A Funai é fonte do paternalismo que queremos combater. Troca cargos pela submissão do índio. Distribui mal as verbas, privilegiando algumas tribos. Os Xavante sempre foram brigadores. Por isso, são acusados de ganhar mais dinheiro da Funai. Estamos fartos disso.

Comida, informação e arte indígena

O evento "Os ritos são para todos" transformou a Estação Ciência num prato cheio para curiosos, desde quarta-feira. Mas é neste final de semana que "o bicho vai pegar", como disse Max Cavalera, todo pintado de urucum, quando o Sepultura foi à aldeia xavante de Pimentel Barbosa, gravar uma faixa de seu último disco.

Além da exposição de objetos e fotos, a programação é variada e se repete a cada dia, à exceção das palestras e videodocumentários. Na sexta-feira, a antropóloga Angela Nunes falou da Socialização das Crianças Xavante, antes da exibição do vídeo "O espírito da TV", feito pela tribo Waiápi e dirigido por Vincent Carelli, mentor do "Programa de Índio", da TV Universidade, de Mato Grosso.

Ontem foi a vez da chefe do Departamento de Antropologia da USP, Aracy Lopes da Silva, palestrar sobre a Organização Social Xavante. O vídeo exibido foi Waiá, de Virginia Valadão. Hoje o palestrante é o curandeiro A'uwé Uptapi, que deve revelar segredos guardados a sete chaves de geração em geração, sobre ervas medicinais. Outra vez, Vincent Carelli mostra seu trabalho vídeo-índio, exibindo A Festa da Moça.

Ainda hoje as oficinas de construção de objetos indígenas, como cestos, arcos e flexas são voltadas para as crianças.

A noite, acontece a parte mais concorrida do evento: a apresentação de dança e música típica xavante, com a participação especial da pesquisadora musical indígena Marli Miranda. Há, ainda, o documentário Oi'ó, que mostra dois rituais importantes na cultura da tribo: a passagem da adolescência para a fase adulta, com a furação de orelhas, e as lutas de meninos, a partir de dois anos, como prova decorativa. (JR)